



Concepções de Educação a partir do Trabalho e da Coletividade: As Pedagogias Soviéticas de Makarenko e Sukholimski

Wagner Pires da Silva¹; Elyskarien Ferreira Rosendo Medeiros²; Erivan Cândido Flor³
Gilmária Henllen Gondim Gomes⁴; Waltemberg Barbosa Laurentino⁵

Resumo: O objetivo do presente estudo foi analisar as concepções de educação, baseadas nos autores soviéticos Makarenko e Sukholimski. Trata-se de um estudo descritivo e documental, baseado nas obras dos respectivos autores. A educação soviética é fértil de experiências que podem ser apropriadas pela pedagogia crítica e pelos educadores brasileiros. Afinal, boa parte dos problemas com que se depararam os educadores soviéticos, são semelhantes aos que enfrentam os educadores no Brasil. Para além dessa reflexão histórica sobre a Educação pós Guerra Civil e pós segunda Guerra Mundial, a União Soviética amplia as pesquisas do campo da História da Educação e da pedagogia. Pouco conhecidos do público brasileiro, Makarenko e Sukholimski e suas respectivas obras são apresentados aqui como condutores da discussão sobre as concepções de educação a partir do trabalho. Os resultados demonstraram uma retomada dos sentidos ontológico e histórico sobre o trabalho, abrindo a possibilidade de se superar este, enquanto ferramenta de alienação, uma vez que as relações entre os homens são construídas historicamente. Esse é o papel das teorias críticas, as quais podem ter em Marx, a elaboração pressuposta, que aponta a educação como parte importante para superação do capital.

Palavras-chave: Educação e trabalho; Pedagogia Soviética; Pedagogia Crítica.

¹ Doutor em Educação na Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em História do Brasil pela Faculdade Padre Dourado. Licenciatura em História pelo Centro Universitário Faveni. Graduação em Administração pela Faculdade Farias Brito. Administrador na Universidade Federal do Cariri. wagner.pires@ufca.edu.br;

² Graduação em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco e Pós-Graduação em Psicopedagogia pela Faculdade de Teologia Integrada, Brasil. elyskarien.rosendo@ufca.edu.br;

³ Graduação em Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Anhanguera. Gerente da Divisão de Implantação e Reformulação Curricular da Pró - Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Cariri. Especialização em Gestão de Recursos Humanos pelo Centro Universitário Faveni. Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Prominas. Formação em Pedagogia, Licenciatura, pelo Centro Universitário Faveni. erivan.candido@ufca.edu.br;

⁴ Mestranda em Gestão Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduação em Direito pela Faculdade Paraíso de Juazeiro do Norte. Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Especialização em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Patos. Servidora técnico-administrativo da Universidade Federal do Cariri. gilmaria.gondim@ufca.edu.br;

⁵ Graduado em Psicologia, com Especializações em Psicologia Clínica e Psicologia Educacional. Gerente da Divisão dos Programas Acadêmicos Cfor/Prograd, da Universidade Federal do Cariri. waltemberg.laurentino@ufca.edu.br.

Conceptions of Education based on Work and Collectivity: The Soviet Pedagogies of Makarenko and Sukholimski

Abstract: Abstract: The aim of this study was to analyze the conceptions of education based on the Soviet authors Makarenko and Sukholimski. This is a descriptive and documentary study, based on the works of the respective authors. Soviet education is rich in experiences that can be appropriated by critical pedagogy and Brazilian educators. After all, many of the problems faced by Soviet educators are similar to those faced by educators in Brazil. Beyond this historical reflection on education after the Civil War and after the Second World War, the Soviet Union expands research in the field of the History of Education and pedagogy. Little known to the Brazilian public, Makarenko and Sukholimski and his respective works are presented here as drivers of the discussion on conceptions of education based on work. The results demonstrated a return to the ontological and historical meanings of work, opening the possibility of overcoming it as a tool of alienation, since the relationships between people are historically constructed. This is the role of critical theories, which can find in Marx the presupposed elaboration that points to education as an important part of overcoming capital.

Keywords: Education and Work; Soviet Pedagogy; Critical Pedagogy.

Introdução

Tendo abordado uma série de assuntos e temas relevantes para os debates de sua época, Marx também fez algumas incursões acerca da educação. Para Marx, educação e trabalho seriam indissociáveis, sendo que a ordem ontológica, a forma de ser dos seres humanos é a base do trabalho enquanto princípio educativo (Frigotto et al, 2005). Manacorda (2017) acredita que tomada em seu conjunto, a obra de Marx apresenta uma sólida doutrina pedagógica “que forma um só conjunto com a perspectiva da emancipação do homem e da sociedade” (Manacorda, 2017, p. 33).

No Manifesto Comunista, a indissociabilidade entre trabalho e educação é aludida, quando ao listar as medidas a serem postas em prática pelos comunistas nos países adiantados, inclui a educação pública e gratuita a todas as crianças, combinando a educação com a produção material, ao tempo em que decretava “a abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje (Marx; Engels, 1998, p.58). Mas não é apenas em pontos de programas políticos que se resume a contribuição de educação de Marx.

Boa parte das propostas de Marx para a educação foram formuladas levando-se em conta as condições materiais e de produção de sua época. A indissociabilidade entre educação e trabalho e a gratuidade da educação para as crianças, faziam parte de um programa educacional que deveria ser ampliado em uma sociedade sem classes, e a educação no capitalismo concorre para a emancipação da classe trabalhadora, na futura sociedade socialista, ela deve servir para criar o novo homem.

Em 1917, os bolcheviques, liderados por Lênin, realizam a primeira revolução socialista e, tendo assumido o poder do Estado passam a ter que elaborar as políticas públicas nos mais diversos setores em uma perspectiva socialista. Dentre as áreas que demandaram esse esforço de elaboração está a educação. Era preciso estabelecer “as bases para uma nova cultura destinada não aos eleitos, mas a todos” (Trotsky, 2017, p.156).

O estudo das pedagogias críticas tem farto material de análise na experiência soviética, onde a influência das ideias de Marx e Engels sobre a educação e, sobre a importância do trabalho para a mesma foi utilizada como base por diversos pedagogos soviéticos. Dentre aqueles que se dedicaram às tarefas da educação, no regime socialista estão Anton Makarenko e Vassili Sukhomlinski.

Ucraniano, filho de um funcionário ferroviário, ainda antes da revolução, Makarenko atuava como professor em uma escola para os filhos dos ferroviários. Após 1917, atuou em colônias para jovens infratores e órfãos, experiências que utilizou para elaboração de sua pedagogia socialista.

Sukhomlinski desenvolveu seu trabalho a partir da década de 1950, até a sua morte nos anos 1970. Influenciado pelos trabalhos de Krupskaya e pelo próprio Makarenko, entre outros, esse diretor de escola primária repercutiu seu trabalho junto às crianças e a seus pais, acreditando que a educação envolvia não apenas os momentos em sala de aula, mas toda a vida da criança. Daí, a importância da atuação de pais e professores nestes diferentes momentos.

O artigo analisa e discute aspectos da pedagogia, desenvolvida por esses dois autores, que atuaram em dois momentos distintos, mas profundamente marcantes da história russa: o período pós-revolução de 1917, no caso de Makarenko e depois da Segunda Guerra, período em Sukhomlinski realizou suas atividades. Para entender a atuação dos dois pedagogos, é preciso, ainda, compreender a concepção de educação de ambos, o que justifica apresentar a contribuição original de Marx e Engels para a Educação, uma vez que tanto Makarenko quanto Sukhomlinski bebem nas fontes marxistas.

O que nos faz humanos: trabalho e educação

A existência do homem está ligada à sua capacidade de transformação da natureza. Essa transformação é efetivada pelo trabalho. Por meio dele, “os homens, não apenas constroem materialmente a sociedade, mas também lançam as bases para que se construam como indivíduos” (Lessa; Tonet, 2011, p.17). Atividade especificamente humana, o trabalho é uma atividade que envolve, não apenas o esforço físico, mas também intelectual para transformar a natureza. Marx deixa claro que:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador (Marx, 2016, p.211-212).

Essa prévia ideação (Lessa; Tonet, 2011) é que distingue o trabalho das atividades animais e nos humaniza. O trabalho, continua Marx (2016), não apenas opera sobre o material, ele o submete a sua vontade, transformando a natureza de acordo com o projeto que havia elaborado conscientemente, ou seja, realiza a objetivação, a transformação da realidade. “Toda objetivação produz uma nova situação, pois tanto a realidade já não é mais a mesma (em alguma coisa ela foi mudada) quanto também o indivíduo já não é mais o mesmo, uma vez que ele aprendeu algo com aquela ação” (Lessa; Tonet, 2011, p. 19).

A importância atribuída por Marx ao trabalho, pode ser percebida pelo fato de admiti-lo como pressuposto, tanto para a existência humana, quanto para a história, pois, esta só pode ser feita quando os homens possuem condições de viver: comida, bebida, moradia, vestimenta e outras coisas mais.

O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (Marx; Engels, 2007, p. 33).

Para a produção de sua existência, os homens estabelecem entre si relações de produção, que correspondem a graus determinados de desenvolvimento das forças produtivas (Marx, 2008). O que reforça o fato de que, “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” (Marx, 2008, p. 49). Entendendo a condição humana como histórica, produzida pelos próprios homens e mulheres, um produto do trabalho destes e não uma dádiva da natureza. Então pode-se concluir que se a existência humana não provém apenas da natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, Isso significa que

(...) o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (Saviani, 2007, p. 154).

Se as origens do trabalho e da educação coincidem, ao longo da história humana a separação entre estes foi se institucionalizando, ao ponto de, nas sociedades de classe, mesmo, a educação está

separada: há uma educação para a classe dominante e outra para as classes dominadas (Saviani, 2007). Na verdade,

(...) é preciso fazer uma distinção entre o trabalho como uma relação criadora do homem com a natureza, o trabalho como atividade de autodesenvolvimento físico, material, cultural, social, político, estético, o trabalho como manifestação de vida, e o trabalho nas suas formas históricas de sujeição, de servidão ou de escravidão, ou do trabalho moderno, assalariado, alienado, forma específica de produção da existência no capitalismo. Há relações de trabalho concreto que atrofiam o corpo e a mente, trabalhos que embrutecem, que aniquilam, fragmentam, parcializam o trabalhador (Frigotto et al, 2005, p. 26).

É neste contexto que precisamos considerar a conjuntura do modo de produção capitalista e, entender que o trabalho pode ser ou não educativo, a depender da forma como se efetua. Em nossa sociedade, onde o trabalho está ligado à exploração e onde é cada vez maior a precarização das condições de trabalho e vida, há escassas possibilidades de uma perspectiva formativa no trabalho, mesmo para crianças e adolescentes (Frigotto et al, 2005). Uma educação que se queira crítica precisa romper com essa lógica. E as contribuições de Marx foi importante para pensar uma educação que supera a visão mercadológica e individualista da sociedade capitalista.

Educação e Marxismo

Para entender a contribuição de Marx para a educação, é preciso ter em mente que, a divisão do trabalho e a propriedade privada na forma capitalista, são a causa da degradação e aviltamento da humanidade. Transformam o operário em simples apêndice da máquina (Marx, 2010). As teses pedagógicas de Marx, portanto, apontam para a “necessidade de eliminar a propriedade privada, a divisão do trabalho, a exploração e a unilateralidade do homem, para atingir o pleno desenvolvimento das forças produtivas e a recuperação da onilateralidade (Manacorda, 2017, p. 39).

Para Marx, uma sociedade de classes, definitivamente, não poderia ofertar ensino igual a todas as classes, como deixa claro em sua Crítica ao programa de Gotha: “Crê-se que na sociedade atual (e apenas ela está em questão aqui) a educação possa ser igual para todas as classes?” (Marx, 2012, p. 45). Ou seja, a educação para uma sociedade de classes deve apresentar diferenças. Porque ao trabalhador, deve ser garantida uma educação pública, custeada pelo Estado, mas definitivamente não ministrada por este, em escolas públicas, continua Marx (2012), que sejam combinadas com escolas técnicas (teórico/práticas). É este ensino associado ao trabalho, que pode fornecer as ferramentas pedagógicas para a onilateralidade dos seres humanos. E que “pode ser um elemento que concorra para a sua libertação” (Manacorda, 2017, p.65). Importante frisar aqui, as instruções de Marx aos delegados do conselho provisório da Associação Internacional dos Trabalhadores,

quando afirma que entende a educação por meio de três coisas: educação intelectual, educação corporal (exercícios de ginástica e militares) e, a educação tecnológica, “que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais” (Marx; Engels, 2011, p.85).

Para Marx, a tecnologia atua como centro da pedagogia da escola do futuro (Manacorda, 2017). Sendo uma das concessões burguesas aos filhos da classe operárias, nas escolas politécnicas, e ainda assim de forma limitada, a tecnologia era vista por Marx, como a unidade entre teoria e prática. Reforçaria o caráter de totalidade e omnilateralidade humanas, permitindo que não fosse mais “dividido ou limitado apenas ao aspecto manual ou apenas ao aspecto intelectual (prático-teórico) da atividade produtiva” (Manacorda, 2017, p. 46).

O avanço tecnológico, de acordo com Marx – caso livre o operário da lógica capitalista – é um fator positivo para o trabalhador, uma vez que “a tendência ao desenvolvimento integral do indivíduo começa a se fazer sentir” (Marx, 2017, p.125). Por isso, a educação deve permitir ao trabalhador ver,

(...) como o mundo sensível que o rodeia não é uma coisa dada imediatamente por toda a eternidade e sempre igual a si mesma, mas o produto da indústria e do estado de coisas da sociedade, e isso precisamente no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, que cada uma delas sobre os ombros da precedente, desenvolveram sua indústria e seu comércio e modificaram sua ordem social de acordo com as necessidades alteradas (Marx; Engels, 2007, p.30).

Ao educando, abre-se a perspectiva de transformar sua realidade. Deve compreender que não há liberdade no sistema capitalista, pois esta é determinada pela situação social, por toda a organização social. Uma sociedade onde a diversidade de opiniões pode ser explicada “pela diferença da posição que ocupam no mundo, a qual é produto da organização social” (Marx, 2017, p. 52).

Surgida da primeira experiência revolucionária de caráter marxista, a União Soviética buscou reorganizar a sociedade em bases socialistas. Inclusive com a expropriação da propriedade privada, dos meios de produção e uma organização social que buscava ampliar a participação coletiva. Nos primeiros tempos, após a revolução, percebia-se a necessidade de formar um novo homem.

Makarenko e a formação do novo homem

Para Makarenko, ele e seus contemporâneos soviéticos, viviam “em uma sociedade sem classes, que por enquanto só existe na URSS” e, considerando assim, dizia, “temos diante de nós

grandes batalhas com a burguesia agonizante. Uma grande construção socialista. Nossos filhos devem converter-se em construtores ativos e conscientes do comunismo” (Makarenko, 1956, p.29).

As concepções pedagógicas e a própria visão de mundo de Makarenko foram influenciadas, principalmente, por Marx, Engels e Lenin e, pelas obras de Máximo Gorki (Filonov, 2010). Note-se que a primeira colônia para jovens infratores, que Makarenko dirigiu, recebeu o nome deste escritor.

Vencida a revolução, o momento era o de construir a ordem socialista (Reed, 2010). As tarefas fundamentais passavam a ser mais prosaicas. No entanto bem mais complexas (Trotsky, 2009). A educação era uma dessas tarefas, uma vez que no antigo império russo estava destinada a poucas pessoas da sua imensa população. Contando com uma intelectualidade refinada, onde figuram escritores como Tolstói e Dostoievski, de renomes internacionais, tinha a maioria de sua população analfabeta, mergulhada na ignorância, como pode ser percebido nas descrições que Makarenko faz dos camponeses que vivem nas vizinhanças da colônia Gorki. Era preciso superar esse verdadeiro abismo, para avançar na construção de uma sociedade socialista. Como fazê-lo?

Em sua obra, “Poema pedagógico”, Makarenko descreve um diálogo com o chefe do departamento de Educação Pública, onde o assunto gira em torno da educação de jovens abandonados. Entre as diversas discordâncias de ambos, em uma coisa eles têm acordo: o modelo de educação de antes da revolução, não serve para a nova sociedade soviética. Era preciso “criar o homem novo de maneira nova” (Makarenko, 2012, p.12). E que maneira seria essa? Makarenko diz não saber e, teme meter os pés pelas mãos. Ao que o chefe do departamento responde:

Mas que conversa é essa de meter os pés pelas mãos? Meter os pés pelas mãos? Então você vai meter os pés pelas mãos, e daí, ora bolas! O que é que você quer de mim? Acha que eu não compreendo nada, ou o quê? Então faça as suas trapalhadas, meta os pés pelas mãos, mas o trabalho tem de ser feito. Faça e depois veremos. O principal é que sabe... não se trata de alguma colônia de delinquentes juvenis qualquer, mas você entende é a Educação Social... Precisamos de um homem novo assim... um que seja nosso! E você trate de construí-lo. De qualquer jeito todos tem de aprender. Então você vai aprender, também. Até foi bom você me dizer que não sabe. Pois então está resolvido e tudo bem (Makarenko, 2012, p.13).

Discursos pragmáticos como esse, no qual se estimula a realização das tarefas. Mesmo sem conhecê-las ou aprendendo a fazer enquanto realizava, são registrados com frequência durante o período ao qual, Makarenko (2012), narra em sua obra, os anos da guerra civil. Tomemos como exemplo uma passagem de O ano nu de Pilniák (2017), no qual é descrito um episódio em que diante do diagnóstico de especialistas que era impossível reativar uma fábrica destruída durante a guerra civil, os bolcheviques levam os operários para o local, que foi reativado e, afinal, conclui, “não há nada que seja impossível fazer – pois era impossível não fazer. Fomos porque o bolchevique K., Lukitch, que não era especialista, de modo muito simples raciocinou que, se fosse feito, não

seria preciso fazer, e as mãos podem fazer tudo” (Pilniák, 2017, p. 210-211). Pilniák (2017) registra que cenas como essa se repetiam em toda a União Soviética.

Os anos que se seguiram à revolução foram esses anos onde tudo parecia ser possível fazer a despeito das dificuldades, que longe de serem obstáculos, eram eleitas como objetivos a serem alcançados. Em todas as áreas, encontravam-se dificuldades e na educação ainda mais, levando em consideração que,

A nossa causa, a da educação comunista, é um empreendimento novo a nível mundial. Se levarmos em consideração esferas do conhecimento como a técnica, a literatura e outras, veremos que sempre se recebe algo das gerações anteriores. No domínio da educação comunista, o assunto é ainda mais complicado, pois há apenas vinte anos estas palavras — a educação comunista — quase não se ligavam (Makarenko, 2010, p.114).

A educação comunista estava sendo criada ali, naquele momento, quase que por tentativa e erro. E foi por meio da experiência, adquirida nas colônias educativas e depois levada ao terreno da educação escolar, que Makarenko pôde formular seu modelo de educação coletiva. Pelo qual desejava antecipar a sociedade sem classes (Dietrich, 1976). Em seus primeiros anos na colônia Gorki, Makarenko debruçou-se sobre livros pedagógicos que acabaram por lhe dar a convicção, de que essas leituras, não lhe davam teoria alguma e sequer eram uma ciência. Na verdade, “a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos. (...) simplesmente vi, que eu precisava não de fórmulas livrescas, (...), mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente” (Makarenko, 2012, p.22).

O resultado foi um modelo que utilizava o trabalho como o meio principal de educação, no que pode notar a influência de Marx e Engels. E, a coletividade como principal instrumento da educação (Dietrich, 1976). Para Makarenko “não se pode conceber uma educação soviética correta que não seja uma educação dos hábitos de trabalho” (Makarenko, 1956, p.103). Essa educação é realizada em total ligação com a sociedade, se colocando a serviço dela.

Não devemos falar apenas sobre a formação profissional da nova geração, mas também sobre a educação e um novo tipo de comportamento, de caracteres e de conjuntos de traços da personalidade que são necessários, precisamente no estado soviético. Os objetivos do trabalho educativo só podem ser deduzidos das experiências que a sociedade coloca (Makarenko, 2010, p. 45).

O resultado dessa educação deve ser o novo homem soviético. Mas isso não quer dizer adesão a fraseologias revolucionárias ocas e abstratas. É preciso sair das abstrações por meio do atendimento das exigências da sociedade.

Educação Coletiva

De acordo com Filonov (2010), é mérito de Makarenko, é a criação de um sistema educacional baseado na organização racional da vida da criança, em que se busca favorecer tanto o desenvolvimento de uma personalidade criativa, quanto prepará-la para a vida em todos os aspectos. Para Makarenko,

(...) em vez de esperar que a vida trouxesse espontaneamente seus frutos, formando indivíduos úteis à sociedade, seria melhor organizar os estudos de trabalho, mas, também, a existência de jovens segundo um processo pedagógico integrado. Esta teoria concretizou-se com o sucesso que se sabe nos estabelecimentos que dirigiu. A passagem ao ensino secundário universal e obrigatório, a realização do princípio de integração dos estudos ao trabalho e a uma atividade criadora diversificada, a perspectiva de estudos comuns a todas as escolas e a possibilidade conexa de satisfazer às necessidades da população na organização da jornada completa são características objetivas da escola socialista, de hoje e de amanhã, permitindo afirmar que estão reunidas as condições reais de uma larga aplicação à práxis educativa das ideias sobre a organização racional da vida das crianças, que estão no centro do pensamento de Makarenko (Filonov, 2010, p. 17).

Esse processo integrado de estudo e trabalho, colocado em prática, primeiro nos estabelecimentos de jovens infratores e depois levado às demais escolas soviéticas, pautava-se nas funções educativas da coletividade. Onde unia-se a pedagogia, as ações coletivas e individuais, trazendo todo tipo de experiência democrática para os espaços de educação.

De forma simples, “o coletivismo corresponde à solidariedade entre o homem e a sociedade e tem sua antítese no individualismo” (Makarenko, 1956, p. 90) e, a única educação correta era a que imprime o senso do coletivo. E, “só se pode formar o caráter mediante a participação prolongada da pessoa na vida de uma coletividade corretamente organizada, disciplinada, forjada e orgulhosa de si mesma” (Makarenko, 2010, p. 123). Esta coletividade, de forma mais elaborada, seria formada por um grupo de trabalhadores livres, unidos em um mesmo objetivo, para o qual se organizam e, escolhem sua direção disciplinados e responsavelmente, conformando um organismo social de uma sociedade saudável (Makarenko, 1977).

A coletividade educativa precisa integrar o trabalho ao processo educativo, adaptando as atividades de trabalho às idades dos educandos. Entendendo que as “diferentes formas de trabalho, enquanto participação obrigatória da autogestão e do trabalho produtivo sejam organizadas sobre a base técnica mais moderna possível. Tendo também por eixos, uma criação técnica seletiva” (Filonov, 2010, p. 20). Toda a organização do trabalho, bem como a repartição dos benefícios deveria ser realizada pelos órgãos coletivos.

De acordo com Dietrich (1976), é difícil separar a educação coletiva, do trabalho. Pois ambos são uma unidade, uma vez que a consciência coletiva correta é produzida pelo trabalho. Por

isso, Makarenko considerava como decisivo na educação, “a organização da escola como coletividade e a organização do processo educativo” (Makarenko, 2010, p. 118).

O educador deve colocar em primeiro lugar o êxito de toda a escola (a coletividade), depois o sucesso de sua aula e só depois seu próprio êxito enquanto pedagogo, porque somente deixando de contrapor seus êxitos pessoais, seus talentos aos da coletividade é que um educador pode chegar a ser um mestre em educação (Makarenko, 1977).

Sukhomlinski: um novo homem para um novo tempo

Torna-se interessante refletir sobre as ideias pedagógicas de Sukhomlinski, quando a formação em todos os níveis tem sido alterada sensivelmente, com a diminuição das cargas horárias para as disciplinas ligadas à formação humana, em detrimento das que supostamente preparariam o discente para o mercado de trabalho. Conhecer a proposta de educação desenvolvida pelo autor pode, apresentar um contraponto às formulações que descaracterizam a educação enquanto formadora de mulheres e homens, que se assumam enquanto sujeitos.

Na sociedade soviética, Sukhomlinski considerava que a escola deveria formar o homem comunista, o que demandava não apenas formação científica, mas também formação espiritual física e profissional das crianças. Essa formação ampla pode e deve ser estimulada pela pedagogia crítica, levando em consideração que esta busca pela emancipação humana, pode fundamentar-se nas formulações de Sukhomlinski sobre a Educação. Assim o é, a valorização da criança enquanto uma pessoa integrante da sociedade, com direitos e deveres, portanto cidadão em formação. Afinal, “a infância é um período essencial na vida de uma pessoa e não apenas uma preparação para a vida futura, mas sim uma existência verdadeira, exultante, original e única” (Sukhomlinski, 1989, p. 23).

Nascido em 1918, cerca de 35 anos da vida de Sukhomlinski foram dedicados à educação e formação de crianças. Sua atividade foi marcada pela busca por “descobrir nos seus alunos tudo o que de melhor a Natureza deu ao homem, conhecer as suas virtudes morais, formar um indivíduo honesto, devotado aos ideais comunistas” (Sukhomlinski, 1989, p. 4). Em 1941, assim como tantos soviéticos, juntou-se ao Exército Vermelho, para combater os invasores alemães, na Segunda Guerra Mundial, evento tão marcante na União Soviética, que recebeu o nome de Grande Guerra Patriótica. Na guerra, perderia a esposa e filho recém-nascido, mortos pelos nazistas, sendo que ele mesmo ficaria com sequelas, que posteriormente levariam à sua morte prematura. As mortes da esposa e do filho, que nunca chegou a conhecer, influenciaram este pedagogo soviético em sua dedicação às crianças que as tomou como suas alunas. Sua atividade pedagógica lhe trouxe os títulos de Herói do Trabalho Socialista, Professor Emérito da República Socialista Soviética da Ucrânia e

ainda sua eleição como membro correspondente da Academia das Ciências Pedagógicas da União Soviética.

Durante sua atividade, tal como ele relata em suas obras, o impacto da guerra nas crianças e nas famílias destas, sempre esteve presente, daí sua constante alusão ao trabalho com as famílias, uma vez que “é impossível não falar das famílias donde provêm as crianças, dos pais. Se não tivesse feito uma caracterização completa e fiel da ambiência familiar, a finalidade do meu sistema de educação não poderia ser compreendida” (Sukhomlinski, 1989, p. 11). Por isso, pode-se caracterizar a pedagogia de Sukhomlinski, como

(...) extremamente humanista, se preocupava com o ser humano como um todo. Seus alunos recebiam toda a atenção e o carinho, que não se restringia ao espaço escolar. Preocupava-se sempre com a saúde física e mental das crianças, por isso ensinava e orientava também os pais, com relação à alimentação, aos cuidados com a higiene e até mesmo sobre o relacionamento entre pais e filhos (Baczinski, 2017, p. 85).

Sua prática pedagógica foi influenciada pelas obras dos primeiros pedagogos soviéticos, como Krupskaja e pelo próprio Makarenko, dentre outros. De Makarenko, utilizou seu princípio sobre educação coletiva, a ponto de considerar sua obra como um produto de Makarenko (Sukhomlinski, 1989). Na verdade, reconhece Solovéichik, autor do prefácio do livro *Pensamento pedagógico*, Sukhomlinski não fez uma revolução pedagógica, mas nele é possível encontrar repostas a perguntas sobre educação, que são conselhos eficazes, simples e humanos (Solovéichik, 1975).

Se Makarenko teve como desafios na elaboração de sua teoria pedagógica a guerra civil que se seguiu à revolução, Sukhomlinski exerceu sua atividade, como já dito, em meio às consequências da Segunda Guerra, que embora tenha sido vencida pela URSS, deixou uma série de traumas e rupturas nas famílias. Relatando o histórico familiar do seu primeiro coletivo de crianças, repleto de órfãos, ou de famílias mutiladas física e mentalmente, o autor esclarece que “talvez o leitor ache que há demasiadas misérias e infortúnios no que acaba de ser evocado (...). Não nos esqueçamos, porém, que tudo isto são feridas deixadas pela guerra” (Sukhomlinski, 1989, p. 40). Por isso, a escola e os pais deveriam ser fonte de felicidade para as crianças.

Esta felicidade consiste em favorecer a explosão das faculdades de cada indivíduo, ensinar-lhes a amar o trabalho e a ser empreendedor; a felicidade é gozar da beleza do mundo circundante e criar beleza para os demais. É também amar alguém. Ser amado por esse alguém, fazer dos seus filhos homens verdadeiros. Só através dos esforços conjugados com os pais, pode o professor dar às crianças uma felicidade verdadeiramente grande (Sukhomlinski, 1989, p. 46-47).

É essa escola que Sukhomlinski buscou desenvolver, na aldeia de Pavlich. Uma escola onde cada criança deveria ser vista como uma pessoa por aqueles que pretendem formá-las, sem descuidar-se de nenhum aspecto da formação das mesmas. Afinal, aponta o pedagogo ucraniano,

O nível de conhecimentos dum jovem dos anos 70-90 será muito mais elevado do que o dos jovens das décadas anteriores. Quanto mais o círculo de conhecimentos a ministrar se for alargando, mais é preciso ter em conta a natureza do organismo humano na época do crescimento, a formação impetuosa do indivíduo nos anos da sua infância (Sukhomlinski, 1989, p.26).

A base do homem comunista está nessas crianças, que, reconhece Sukhomlinski, possuem uma vida dura. É preciso que encontrem alegria na escola, um local de confiança e não apenas de cobranças e mais tarefas para além das que já realizam em suas famílias. Curiosamente, após ter ensinado nas duras condições do pós-guerra, Sukhomlinski registra que “à medida que a vida se torna melhor e que se multiplicam os bens materiais e a cultura espiritual postos ao alcance da jovem geração... passa a ser mais difícil educar e aumenta a responsabilidade de todos aqueles que participam na educação” (Sukhomlinski, 1975, p. 40-41). Pensamentos como esse podem e devem inspirar reflexões semelhantes no Brasil, onde, nos últimos anos, milhões de crianças e jovens em idade escolar têm acesso a uma infinidade de inovações que tanto podem beneficiar sua aprendizagem quanto atuar de forma negativa sobre a mesma.

Uma Educação Completa

Para Sukhomlinski, a educação não pode ser desenvolvida apenas pelos professores e seus alunos, visto que a formação do homem comunista deve ser feita por meio do trabalho coletivo na educação. Esta coletividade “não se desenvolve apenas na escola, o sujeito deve se envolver em tudo o que está a sua volta e lhes interessar” (Baczinski, 2014, p. 8). A busca por essa educação preconizava a utilização da teoria, mas também das experiências e da criatividade de todos os envolvidos com a formação, devendo o professor conjugar em suas atividades a teoria pedagógica e as contribuições da realidade e do cotidiano da comunidade.

A teoria é uma fonte que alimenta a arte do professor enquanto se apoia na experiência. Apoia-se quer dizer enriquece-se, aperfeiçoa-se, pois que a vida realça nela novas facetas e suprime o velho, o caduco. Enquanto a teoria se apoia na experiência, refractando-se no trabalho criativo individual de milhares e milhares de pedagogos, essa teoria desenvolve-se. Se os preceitos teóricos são concebidos como uma coisa eterna, imutável, própria para todos os casos, produz-se a esclerose da teoria. A teoria transforma-se em dogma (Sukhomlinski, 1975, p. 42-43).

A partir daí, entende-se que o educador deve contribuir para o avanço da própria teoria, sendo ele mesmo a propor as novas facetas do trabalho pedagógico baseado em suas respostas criativas aos desafios que a sua atividade docente enfrenta. E ao falar de educador, não se refere apenas ao professor, uma vez que “o diretor perfeito se forma como educador por uma participação direta e prolongada na vida dum coletivo infantil de base” (Sukhomlinski, 1989, p. 14), ressaltando que já não se espera do diretor, uma postura como a dos antigos diretores das instituições russas que existiam antes da revolução de 1917, cujas funções se assemelhavam a de um inspetor que devia fiscalizar o cumprimento do programa por parte do professor. Para Sukhomlinski,

(...) a educação é um processo multilateral de constante enriquecimento e renovação espiritual de educandos e educadores, processo esse caracterizado pela profunda individualidade dos fenômenos: determinada regra pedagógica, correta num caso, e neutra num outro e absurda num terceiro. Tal é a natureza do nosso trabalho pedagógico (Sukhomlinski, 1975, p. 43).

Novas posturas são necessárias porque “a verdadeira escola é a vida espiritual múltipla de um coletivo de crianças, em que professores e alunos estão unidos por uma multitude de interesses e de afinidades” (Sukhomlinski, 1989, p.14). Nesse contexto, Cockerill (2011), lista cinco princípios para educação moral das crianças, extraídos da obra de Sukhomlinski:

1. Nunca se esqueça de que convive com outras pessoas. Aja de forma a beneficiar os outros. Nem todos os seus desejos podem ser atendidos;
2. Seja grato por todas as coisas boas que os outros lhe proporcionam. Retribua a bondade com bondade;
3. Não se pode viver honestamente sem trabalho;
4. Seja bondoso e ajude aos necessitados. Respeite e honre aos seus pais;
5. Não fique indiferente ao mal. Oponha-se a ele diretamente.

Ao tomar a criança como um todo, entende-se que esses princípios são parte de uma concepção de educação que vai além da escola, uma concepção que entende a educação como o estudo, antes de mais nada do ser humano. Um estudo cuja figura central é a do educador do coletivo infantil.

Ele é, a um tempo, professor, amigo das crianças e diretor da sua vida espiritual multifacetada. O estudo é apenas uma das pétalas da flor a que se chama educação, no sentido lato do termo. Em educação, não há nada que seja essencial ou acessório, do mesmo modo que não há pétala principal entre as várias pétalas que fazem a beleza da flor. Em educação, tudo é importante: as aulas, o desenvolvimento dos interesses múltiplos das crianças fora das aulas e as relações entre os alunos no seio do coletivo (Sukhomlinski, 1989, p. 19).

O professor deve ensinar a refletir, a perceber e observar antes de lecionar os conhecimentos, levando em consideração a saúde das crianças, pois sem isso é impossível ensinar.

Essa educação mental não pode se confundir com a aquisição de conhecimentos embora uma seja impossível sem a outra.

O educador ocupa-se da matéria pensante, cuja faculdade de percepção e compreensão do mundo depende em grande medida, da saúde da criança. Esta correlação é delicada e de difícil determinação. O estudo do mundo espiritual das crianças particularmente dos seus pensamentos, constitui uma tarefa básica do professor (Sukhomlinski, 1989, p. 30).

A classe não está desconectada da história em seu conjunto. Desse modo, Sukhomlinski (1989) deixa claro que os métodos de educação em toda a escola devem ser utilizado no reforço do coletivo de classe, pois o “conteúdo da ação educativa levada a cabo em classe é que é a condição maior do sucesso da educação a nível de toda a escola”. Também não está desconectada da sociedade a que pertence, por isso a escola precisa “educar homens altamente instruídos, trabalhadores tenazes, preparados para ultrapassarem dificuldades pelo menos tão grandes como as que seus pais, avós e antepassados tiveram de vencer” (Sukhomlinski, 1989, p. 26).

Como não poderia deixar de acontecer em uma educação baseada nas premissas marxistas, o trabalho também teria papel fundamental para a formação das crianças. “Desde os primeiros dias de escola, os professores mandavam fazer aos alunos um trabalho à sua altura no pomar da escola, no campo experimental. Montávamos uma pequena estufa, onde as crianças trabalhavam no inverno” (Sukhomlinski, 1989, p. 100). Além destas atividades laborais na escola, ainda havia excursões para fábricas e aos campos descobrindo a beleza do trabalho.

O trabalho deveria ser considerado na escola, como a ação do homem sobre a natureza, transformando-a e transformando a si mesmo. Esta experiência precisava ser vivenciada na escola, nos diferentes níveis de ensino (de acordo com a faixa etária e condições físicas das crianças), desenvolvendo nelas um espírito transformador da atualidade (Silva; Gehrke, 2018, p. 10).

As crianças deviam assimilar tanto com a razão, quanto com o coração a grandeza do trabalho, pois é do amor e do respeito pelos que trabalham, assegura Sukhomlinski (1989) que surge a moral humana. Isso se dá pelo fato de que “as relações pessoais, a vida social revelam-se antes de qualquer coisa no trabalho pelo bem dos homens. É na maneira como o homem trabalha para os outros que o seu humanismo tem expressão” (Sukhomlinski, 1989, p.102). É essa identificação do trabalho em prol dos demais que fundamentaria o caráter do homem comunista, que complementaria a educação moral das crianças. E este trabalho pedagógico sendo conduzido de forma que as crianças sejam conduzidas

(...) no mundo escolar de modo que alegrias sempre novas se abram diante deles, que a descoberta das coisas não se transforme num estudo fastidioso e que, ao mesmo tempo, a escola não seja um jogo interminável e interessante exteriormente, mas vão. Em cada dia que

passa, deve enriquecer-se o espírito, os sentimentos e a vontade das crianças (Sukhomlinski, 1989, p 47).

Este é um desafio a ser enfrentado até mesmo no Brasil, não apenas na antiga União Soviética.

Conclusão

A educação promovida pelos revolucionários soviéticos, a pedagogia socialista desenvolvida na União Soviética enfrentou uma série de problemas e dificuldades muito semelhantes às que se defronta a educação no Brasil. E seus métodos se mostraram capazes de converter uma nação continental, com uma imensa maioria de seus habitantes excluídos da educação e mesmo de uma vida digna, em um modelo de educação para o mundo.

O modelo de educação coletiva idealizado por Makarenko, precisa ser revisitado enquanto proposta pedagógica. Sua inspiração na concepção de Marx e Engels acerca do papel do trabalho na educação, complementada pela construção coletiva da educação, em detrimento de uma concepção individual, pode auxiliar a pensar alternativas no momento em que o individualismo está cada vez mais presente na sociedade. Mesmo a produção do conhecimento, uma atividade coletiva por excelência, é cada vez mais pressionada a ser apropriada de forma individual.

A educação preconizada por Makarenko prepara homens e mulheres diferentes, mas que se compreendem como parte de uma sociedade, que espera deles uma atuação de acordo com os interesses dessa sociedade e não, de acordo com seus impulsos e desejos individuais, assegurando direitos para todos.

A escola de Sukhomlinski é o espaço de múltiplas facetas, onde a coletividade infantil pode ser desenvolvida, com ênfase na vida espiritual das crianças. Nesta escola, educadores e educandos, bem como as famílias das crianças, funcionários de apoio e de direção, se mantêm unidos em seus interesses e afeições. A escola seria uma célula da sociedade comunista, a preparar os futuros cidadãos para uma vida mais aberta aos outros.

Refletir sobre as contribuições pedagógicas de Makarenko e de Sukhomlinski, dentro de uma perspectiva que privilegie uma formação omnilateral, contribui para pensar uma educação crítica, libertária, que pode superar as contradições formativas próprias do sistema capitalista.

A formação por meio da integração entre educação e trabalho mostrou-se como uma ferramenta potente para a educação dos trabalhadores, o que pode ser tomado como referência para as discussões no Brasil, onde se desfigura a educação, sob a desculpa de preparar para o trabalho, quando, na verdade, só acomodam os currículos aos ditames da economia de mercado. Na verdade,

A crítica da escola parece ter alcançado o seu ponto culminante em todos os cantos da Terra. Atacar a escola é quase moda; “reorganiza-la” é quase o hobby nacional de muitos países. Vaticina-se com relativa segurança a invasão das máquinas docentes. Só que a escola não é uma fábrica; não são as instalações ou a tecnologia os fatores que a configuram, mas sim as ideias (Solovéichik, 1975, p. 6).

E na busca de ideias, a pedagogia crítica precisa olhar para os pedagogos soviéticos e sua experiência, métodos e aspirações, de forma a construir uma educação brasileira, que não apenas seja contraposta ao sistema do capital, mas possa contribuir para superá-lo.

Fica claro que a forma atual de trabalho, estranhado e alienado, típico do modo de produção capitalista, deve ser superado, para que a educação marxista se efetive. Pois, o trabalho como essência do ser humano, como realizador das potencialidades humanas, precisa ser liberto da forma de exploração atual. Dessa forma, ele pode reassumir seu princípio educativo.

Na sociedade de classes, Marx aponta que, a busca pela omnilateralidade humana passa pela união da educação e do trabalho, por meio de escolas onde a classe trabalhadora possa ter acesso a uma formação teórico-prática, que não descuide nem do aspecto manual, nem do aspecto intelectual.

No entanto, a atual formação neoliberal contraria este programa. Primeiro nas tentativas de retirar o financiamento público da educação, depois pelos programas aplicados nas escolas, onde a formação humana tem sido relegada a segundo plano, quando esta não é extirpada por completo, para que em seu lugar seja colocada uma formação que atenda ao mercado. A tecnologia, vista por Marx como ferramenta pedagógica para libertação da humanidade, tem sido utilizada para reforçar as correntes da exploração das classes populares pelas elites.

De modo que, faz-se necessário inverter a lógica atual, onde o capital é o sujeito e o ser humano é o objeto. A retomada dos sentidos ontológico e histórico do trabalho faz parte desse esforço. abre a possibilidade de se vislumbrar a superação do trabalho, enquanto ferramenta de alienação, uma vez que as relações entre os homens são construídas historicamente. Esse é o papel das teorias críticas, as quais podem ter em Marx a elaboração teórica, que aponta a educação como parte importante para superação do capital.

Referências

BACZINSKI, Alexandra Vanessa de Moura. A teoria de Vassili Sukohmlinski: contribuição à uma pedagogia da emancipação humana. **ANAIS X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em http://xanpedsul.faed.udesc.br/publicacao/trabalhos_completos.php. Acesso em 22/04/2022.

BACZINSKI, Alexandra Vanessa de Moura. **Educação escolar brasileira: possibilidades e limites para uma formação de caráter omnilateral** / Alexandra Vanessa de Moura Baczinski ; Avelino da Rosa Oliveira, orientador. — Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017. Disponível em http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/7725/1/Tese_Alexandra_Vanessa_de_Moura_Baczinski.pdf. Acesso em 23/04/2022.

COCKERILL, Alan. Values education in the Soviet State: The lasting contribution of V.A. Sukhomlinsky. **International Journal of Educational Research**, Volume 50, Issue 3, pages 198-204, 2011.

DIETRICH, Theo. **Pedagogía socialista: origen, teorías y desarrollo de la Concepción marxiana de la formación**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1976.

FILONOV, G. N. **Antón Makarenko**. Trad. BUFFA, Ester. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores. In: **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. Org: Hélio da Costa e Martinho da Conceição. São Paulo: CUT, 2005.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MAKARENKO, Antón. **O socialismo e a educação dos filhos**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956.

MAKARENKO, Antón. **La coletividade e la educación de la personalidad**. Moscou: Editorial Progreso, 1977.

MAKARENKO, Antón. Textos selecionados. In: FILONOV, G. N. **Antón Makarenko**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

MAKARENKO, Antón. **Poema pedagógico**. Trad. BELINKI, Tatiana. São Paulo: Editora 34, 2012.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas/SP: Navegando, 2011.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Vol. I, Livro I – O processo de produção do Capital. 34ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.

PILNIÁK, Boris. **O ano nu**. Trad. SIMONE, Lucas. São Paulo: Editora 34, 2017.

REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 24/03/2022.

SOLOVÉICHIK, S. Prefácio: o paradoxo de Sukhomlinski. In: **Pensamento pedagógico**. Moscou: Editorial Progresso, 1975.

SILVA, Luciana Maria de Matos e; GEHRKE, Marcos. Pedagogia socialista soviética: categorias que se articulam na construção de uma nova escola para uma nova sociedade. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. DOI: 10.17648/educare.v13i30.19584, 2018. DOI: 10.17648/educare.v13i30.19584. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/19584>. Acesso em: 20/04/2022.

SUKHOMLINSKI, Vassili. **Pensamento pedagógico**. Moscou: Editorial Progresso, 1975.

SUKHOMLINSKI, Vassili. **Meu coração está com as crianças**. Moscou: Edições Progresso, 1989.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida**. Trad. Diego Siqueira e Daniel Oliveira. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

TROTSKY, Leon. **A revolução de outubro**. Trad. Daniela Jinkings. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.



Recebido: 20/10/2025; Aceito 28/10/2025; Publicado em: 31/10/2025.